
CORONAVÍRUS
GÊNERO
E A LUTA DE CLASSES

MARTA ROQUETA | PAOLA RUIZ-HUERTA
DIANA CAROLINA ALFONSO | **PAULA MORENO**
IVÁN H. AYALA | REBECCA GORDON
TITHI BHATTACHARYA

TERRA SEM editora AMOS

EDITORA TERRA SEM AMOS

www.terrasemamos.wordpress.com | www.facebook.com/tsa.editora
www.instagram.com/tsa.editora | tsa.editora@gmail.com

Traduzido de:

ROQUETA, Marta. *Caliban, la bruixa i el coronavirus*. El Temps (eltemps.cat); RUIZ-HUERTA, Paola. *El hombre confinado*. Rebellion (rebellion.org); ALFONSO, Diana Carolina. *Las mujeres latinoamericanas, el Covid-19 y el neoliberalismo*. Instituto Tricontinental de Investigación Social (thetricontinental.org); MORENO, Paula; AYALA, Iván H. *Cómo luchar contra el Covid-19 con perspectiva de género*. Revista Contexto (ctxt.es); GORDON, Rebecca. *The future may be female, but the pandemic is patriarchal*. Common dreams (common-dreams.org); BHATTACHARYA, Tithi. *Social Reproduction Theory And Why We Need it to Make Sense of the Corona Virus Crisis*. Tithi Bhattacharya (tithibhattacharya.net)

COLEÇÃO:

Luta das Mulheres do Povo
Ecologia Antissistêmica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R786 ROQUETA, Marta. *et al*

ROQUETA, Marta, *et al*: Coronavírus, gênero e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

40p.

1. Ecologia 2. Ciências Sociais 3. Luta de Classes. 4. Gênero. I. Marta Roqueta. II. Paola Ruiz-Huerta. III. Paula Moreno. IV. Iván H. Ayala. V. Diana Carolina Alfonso. VI. Rebecca Gordon. VII. Tithi Bhattacharya. VIII. Título

CDD: 577

SUMÁRIO

Calibã, a bruxa e o coronavírus

MARTA ROQUETA..... 05

O homem confinado

PAOLA RUIZ-HUERTA 11

Mulheres latinoamericanas, o covid-19 e o neoliberalismo

DIANA CAROLINA ALFONSO..... 15

Como lutar contra o covid-19 na perspectiva de gênero

PAULA MORENO E IVÁN H. AYALA 21

O futuro pode ser feminino, mas a pandemia é patriarcal

REBECCA GORDON..... 27

Teoria da reprodução social e porque precisamos dela para entender a crise do coronavírus

TITHI BHATTACHARYA..... 37

Sobre as autoras..... 40

CALIBÃ, A BRUXA E O CORONAVÍRUS

AUTORA

A chave para gerir a crise do coronavírus nos países mais industrializados é encontrar a fórmula matriz que permita preservar a economia capitalista e, ao mesmo tempo, proteger os cidadãos. O modelo britânico, holandês, sul-coreano, francês, alemão, italiano, espanhol, catalão... apesar da diversidade de medidas adotadas, todas elas mostraram os pontos em que o capitalismo e o bem-estar dos cidadãos ou entram em conflito ou se complementam.

O covid-19 tomou o mundo de assalto, com uma China mais solidária que a União Europeia ou os Estados Unidos, no momento em que se observa os fundamentos das sociedades capitalistas, que se encontram numa crise sem precedentes. Numa época em que a exploração de dados é uma grande fonte de rendimento, a invisibilidade do vírus é a sua arma: Pode afetar qualquer pessoa, independentemente da classe social, na medida em que é assimétrica e se tornou uma ameaça muito maior do que a de Deuses, que se presume ser o portador do mal e da brutalidade, sobre os quais fomos advertidos pela extrema direita.

Em uma situação de incerteza como a atual, a luta de classes é exposta de forma totalmente clara. A chegada de jatos particulares no aeroporto de Eivissa, ou o voo para determinadas residências em Alacant ou La Cerdanya, contrasta com a falta de proteção do pessoal do aeroporto e o cansaço dos transportadores de mercadorias, dos profissionais de saúde e dos supermercados; Dentro de poucos minutos, com os metrô e subúrbios cada vez menos cheios de pessoas que não têm escolha a não ser ir trabalhar porque seus patrões decidiram.

Em tempos de confinamento, Silvia Federici (Parma, Itália, 1942), é um verdadeiro farol. Professora da Universidade Hofstra em Nova York, dedicou sua militância e atividade acadêmica à aplicação de uma perspectiva feminista à teoria marxista. A obra desta filósofa italiana baseia-se na exigência da reprodução da força do trabalho como base da produção capitalista.

Para Federici, o trabalho doméstico, realizado gratuitamente por mulheres de uma família nuclear heterossexual, é fundamental para o capitalismo, permitindo uma redução dos custos de produção dos trabalhadores. Este tema é explorado no livro *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*¹, oferece uma visão do salário como ferramenta para a criação de relações desiguais entre a classe trabalhadora, na delegação de poder aos empregados sobre os não trabalhadores, a começar pela supervisão dos custos e do trabalho das mulheres.

Por isso, nos anos setenta do século passado, a autora tornou-se uma das fundadoras do *Coletivo Feminista Internacional*, uma organização que promoveu a campanha *Salários para o Trabalho Doméstico* nos Estados Unidos e no resto do mundo. Com iniciativas como esta, Federici rejeitou a ideia marxista de que o lar e a família nuclear heterossexual eram anteriores ao capitalismo, argumentando que eram, precisamente, uma forma de organização social moldada para satisfazer as necessidades do capital. Como resultado, a autora afirmou que o trabalho doméstico é um campo de combate ao capitalismo para a emancipação da classe trabalhadora, o que contradiz o papel secundário que o marxismo tinha lhe atribuído.

Com base em estudiosos como Frantz Fanon, Federici critica a cegueira de Marx, que criticava todos aqueles que não participam de atividades econômicas industrializada (equivalendo aos setores mais avançados tecnologicamente da economia) incluindo escravizados, colonizados e os não-assalariados, afirmando que, ao contrário do que pensava o filósofo alemão, eles têm um papel tanto no processo de acumulação como na luta anticapitalista. Para Federici, o campo, a cozinha, o quarto ou a rua, com pessoas que realizam todo o tipo

1 N. do T.: Traduzido ao português pelo Coletivo Sycorax e editado pela Editora Elefante.

de atividades econômicas, são tão válidos quanto a fábrica.

Quando uma instituição como o FMI demanda uma injeção financeira na saúde pública para deter o coronavírus, o que ela faz na prática é reconhecer o papel do cuidado das pessoas na cadeia econômica.

Com a pandemia, os cortes nos serviços básicos de assistência e saúde durante a crise de 2008, em nome da austeridade, estão se revelando o que sempre foram: ataques à saúde da população. Os planos de contenção e mitigação da epidemia, desenvolvidos pelas administrações públicas, não levaram em conta a realidade daqueles que se tornam sujeitos disfuncionais da lógica capitalista: os sem-teto (sem lar, uma das principais unidades de consumo). presos em CIEs² (excedentes indesejados que viram a imigração como uma maneira de impulsionar a economia) ou prostitutas (trabalho sexual remunerado, mas não regulamentado).

Numa situação como esta, Federici reivindica a sociedade dos comuns, com base na criação de espaços e relações sociais que não são regidos pela lógica do mercado capitalista. Para a filósofa, este tipo de sociedade incentiva a experimentação de formas mais coletivas de reprodução, distribuindo o trabalho para um maior número de sujeitos do que somente a família nuclear. As redes humanas que se desenvolvem para cuidar de crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais enquanto seus responsáveis vão trabalhar durante o confinamento seriam exemplos disso.

Com a visão de baixo para cima da sociedade dos comuns, Federici articula uma retificação a todo o estado-nação, que ela considera uma fonte de poder coercitivo que se articula de cima para baixo. Segundo Carles Ferreira, o Estado-nação emergiu como o principal ator na gestão política, econômica e de saúde do coronavírus. Em parte porque nenhum outro ator supra-estadual reivindicou esse papel, não tendo vontade ou os mesmos recursos que os Estados dispõem para a enfrentá-lo; em parte porque casos como o espanhol mostram até que ponto as políticas estaduais podem piorar

2 N. do T.: “Centro de Internamiento de Etranjeros”, estabelecimentos carcerários para imigrantes “ilegais” na Espanha.

uma epidemia. Isso diminuiria as expectativas de Federici sobre a obsolescência dos Estados. De fato, feministas marxistas como Jule Goikoetxea e Zuriñe Rodríguez pediram uma presença mais forte do Estado no planejamento da economia produtiva e reprodutiva durante a crise do Covid-19, propondo a criação de um sistema de atendimento público onde o cuidado “não é apenas um direito (no estilo liberal), mas uma capacidade política: pública, coletiva e comunitária”. No entanto, a crítica de Federici às expectativas marxistas em relação a tecnologia como fonte de emancipação, lembram que muitos aspectos do trabalho doméstico, especialmente o afetivo, não podem ser mecanizados, e que estão presentes na situação de confinamento atual. O teletrabalho mostrou quais atividades, como certas reuniões ou viagens de negócios, podem ser realizadas sem a necessidade presencial. A Internet tornou-se um bom suporte para atividades educacionais, jornalísticas ou ministeriais no confinamento. No entanto, setores-chave para combater a pandemia – saúde, transporte, comércio, atendimento a pessoas vulneráveis, limpeza e desinfecção – ainda exigem trabalho humano e presencial. Há uma semana, o *New York Times* falou sobre o impacto do coronavírus nas relações de gênero, observando que um dos grupos mais expostos, como o trabalho na saúde, é altamente feminizado. Tomando o Ebola como exemplo, o jornal disse que a situação econômica das mulheres demorou mais para se recuperar do que a dos homens após a epidemia. Nesse sentido, Federici adota uma visão do gênero de homens e mulheres que se entrelaça com o método histórico e materialista de Marx: se, para entender a história e a sociedade, devemos prestar atenção às condições materiais da reprodução social, é importante analisar a posição social das mulheres pelo prisma da exploração capitalista do trabalho.

Seria coincidência que as tarefas de cuidado, mesmo no mundo do trabalho remunerado, sejam assumidas pelas mulheres? Seria uma coincidência que as mulheres tenham menos recursos que os homens para reconstruir uma economia em crise? A filósofa italiana vê as identidades de gênero como funções de trabalho e as relações de gênero como relações de produção. Onde muitos homens e mulheres marxistas consideraram as lutas dos grupos feministas, antirracistas ou LGBTQ como meramente culturais e simbólicas,

Federici sempre defendeu a visão material de tais lutas. De fato, ela afirma que sua visão de gênero como relações de produção permite a continuação da discriminação de gênero e racial. Também inclui mulheres trans na categoria de mulheres, sendo um grupo que sofre de casos tipicamente feminizados, como pobreza ou trabalho sexual. Federici conclui que o capitalismo só pode ser imposto por uma enorme violência e destruição. Seja colonial, seja “o extermínio de milhares de mulheres durante a caça às bruxas que duraram dois séculos”, um dos temas de seu famoso livro *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpos e acumulação primitiva*³. Os estragos da pandemia do Covid-19 levantam, então, uma questão final: o que acontecerá ao capitalismo quando tudo isso acabar?

3 N. do T.: Traduzido ao português pelo Coletivo Sycorax e editado pela Editora Elefante.

O HOMEM CONFINADO

PAOLA RUIZ-HUERTA

O que estará acontecendo com os homens durante esse período de reclusão e de confinamento? Como viverão 24 horas por dia no espaço doméstico, esse espaço privado, feminino, tão renegado pelo patriarcado e que tanto ameaça a sua masculinidade? Como lidarão sabendo que agora são menos produtivos? Como se sentirão aqueles que perderam o atributo de identidade que é o seu trabalho? Como estarão administrando suas emoções: medo, incerteza, frustração, raiva...?

Como é que estes dias de confinamento, em que é tão complicado ser ativo, racional e autônomo, afetará sua identidade, os principais mandatos que determinam a masculinidade, segundo o sociólogo Antonio García? É possível que esta situação favoreça que alguns adotem posições mais dominantes e aumentem sua agressividade e violência para se sentirem mais masculinos e recuperarem o que Dona Haraway chama de mais-valia de gênero?

Penso nas mulheres, e no que significa para elas e para a família a presença dos homens em casa o dia todo. Penso nas mulheres que, como psicóloga, acompanho há muito tempo, para quem sua casa não é um lar e o risco que essa convivência pode implicar para elas. Penso nas mulheres que vivem com seus agressores: maridos dominadores, controladores e violentos, homens que atacam com silêncio, que forçam suas parceiras a ter relações sexuais, pais ou parentes que abusam sexualmente delas, que as humilham e fazem suas mulheres e filhos se sentirem um lixo. O confinamento é um local de reprodução da violência masculina e para muitas mulheres e crianças o perigo aumentou.

Ontem, em Castellón, um homem assassinou uma mulher. O 30º homem a assassinar uma mulher até agora este ano, segundo a última atualização da plataforma *feminicidio.net*. Outro, em Sevilha,

tentou ontem cortar a garganta da parceira quando ela lhe disse que ia deixá-lo.

A construção da subjetividade masculina é baseada na dominação, na crueldade e na falta de empatia. Subordinação, complacência e prazer são atributos determinantes do “feminino”. E é nesta ordem mental de ambos os sexos que temos que refletir, para desconstruí-la.

Por esta razão, gostaria também de pensar como o desconforto que este confinamento produz para o gênero masculino pode ser uma oportunidade para que os homens reflitam, se envolvam com o feminismo e façam um processo de transformação de suas vidas e relações de gênero que tenha o conseqüente impacto social.

O feminismo é essencial e positivo para todas as pessoas: também para os homens. Liberta-os dessa rígida fragilidade e do peso de ter que liderar, competir e dominar o tempo todo. Embora sem perder de vista que os homens no patriarcado têm a posição privilegiada e dominante. O patriarcado oprime os homens, mas sufoca e mata as mulheres.

Baseado na ideia de Elisabeth Badinter de que a masculinidade é construída em oposição a três grupos (mulheres, crianças e homossexuais), agora é o momento de mudar o paradigma masculino e fazê-lo funcionar de forma diferente. Desenvolver, na intimidade do lar, habilidades que lhes permitam ser os homens que gostariam de ser, se estivessem dispostos a perder privilégios. Ou ser, talvez, “menos homem”.

Estas são algumas propostas que me parecem essenciais para uma mudança radical nas relações de gênero e no sistema patriarcal. E que, nesse período de confinamento forçado, os homens podem se exercitar:

- cuidar de si mesmos. É hora de ver quantas coisas precisam ser feitas em uma casa e entender que o cuidado é responsabilidade de todos. Os domésticos e os emocionais. Dê-lhes o valor que merecem e a necessidade de colocá-los no centro da vida. Prestando atenção às pessoas com quem vive. Cuidar também dos pais, irmãos, amigos. Diga que você sente falta deles. Que você os ama.

- Desenvolver habilidades de escuta. Empatia. Colocar-se no lu-

gar da outra pessoa, tentando entender o que ela realmente significa. Ouvindo em silêncio, tentando não dar conselhos ou “resolver vidas”. Escutar, além disso, sem qualquer interesse por meios, sexuais ou não, e sem fechar a priori a possibilidade de aprender com a outra pessoa.

- Assumir a responsabilidade pelas emoções e necessidades. Hoje em dia muitas emoções vão surgir e qualquer sentimento deve ser aceito sem lutar contra isso. Conectar-se com a própria vulnerabilidade, reconhecer o sofrimento e assumir a responsabilidade por ele. Pode ser um bom momento para chamar um amigo e compartilhar a ansiedade e a fragilidade.

- Descobrir a ternura: outra sexualidade é possível. Desconstruir a sexualidade patriarcal, erotizar a dominação e a violência e erotizar a empatia, o cuidado e o bom tratamento. Talvez seja hora de experimentar outras formas de prazer, de explorar, sem pressa, novas maneiras de se relacionar com o próprio corpo e o do parceiro ou parceira. Quebrando com a hierarquia de prazeres que nos ensina que há alguns que são superiores, como a cópula e o orgasmo, e outros que são inferiores. Dedicar mais tempo a carícias, a ternura e a ousadia de experimentar novas sensações. Vamos ver o que acontece.

Talvez o homem confinado possa vir a descobrir, nestes dias, que deixar a lógica produtiva, patriarcal e machista gera mudanças importantes e positivas em sua vida e nas pessoas ao seu redor. Mudar o pequeno mundo de alguém é a única maneira de mudar o mundo. E só através da consciência, do questionamento, da responsabilidade e da renúncia aos privilégios que este sistema concede aos homens, porque eles nascem machos, poderemos pôr um fim a este vírus que é o patriarcado.

MULHERES LATINOAMERICANAS, O COVID-19 E O NEOLIBERALISMO

DIANA CAROLINA ALFONSO

Nas últimas semanas, o surgimento do coronavírus (Covid-19) trouxe à tona uma institucionalidade dilacerada e tornou visível uma teia de desigualdades geopolíticas e sexogênicas, tudo no quadro de um novo ciclo de crise do capitalismo contemporâneo.

Desde o final dos anos 80, nosso continente tem dado lugar a uma série de reformas econômicas concebidas nos laboratórios do florescente pensamento neoliberal, principalmente nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. À frente dos *Chicago Boys* do Chile, a América Latina abriu suas economias realizando uma série de reformas constitucionais que acabariam por possibilitar a redução dos direitos sociais através do desmantelamento de certas instituições estatais, cujo raio de ação teria sido definido no contexto (agora pisoteado) das economias assistenciais. Uma bala na cabeça de Salvador Allende precedeu a longa jornada dos *Chicago Boys*. Desde então, as reformas previdenciárias se tornaram recorrentes, e o processo de privatização da educação e da saúde está aumentando. Nos anos 90, as reformas econômicas visavam mudar a relação entre Estados, mercados e sociedade. Hoje, o correlato desta situação tem sido a dependência quase total do mercado global de serviços, uma progressiva tendência à concentração da riqueza e ao empobrecimento das condições mínimas de vida. A flexibilidade e a terceirização do trabalho aprofundam as desigualdades de gênero, classe e raça. A

massa trabalhadora ativa nos anos dos *Chicago Boys* se aposenta se puder. Em outras palavras, temos gradualmente assumido que os idosos dependem de seus filhos, trabalham até o final de seus dias ou vivem mendigando, mesmo que tenham uma pensão mínima que as gerações seguintes não mais gozarão. Este é o grande contexto a partir do qual começamos a vislumbrar as contradições da maioria da população latino-americana depois que a Organização Mundial da Saúde declarou o Covid-19 uma pandemia mundial.

Como é do conhecimento geral do feminismo, a CEPAL estima que a diferença salarial entre homens e mulheres esteja em torno de 30%. De acordo com a mesma organização, as mulheres latino-americanas recebem 34% menos renda (salário ou pensão), dada a divisão familiar de renda e trabalho que cuida das crianças, dos doentes e dos idosos.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), considerando a idade de trabalho, em 2018 a participação da força de trabalho masculina na região era de 75%, enquanto para as mulheres era de apenas 50%. Isso não significa que as mulheres trabalhem menos que os homens. Pelo contrário, uma em cada duas mulheres latino-americanas está exposta ao desemprego ou à informalidade. De fato, “o desemprego feminino aumentou 1,6 pontos percentuais, acima do aumento de 1,3 pontos percentuais para os homens”, de acordo com José Manuel Salazar, diretor regional da OIT. Vale notar que estas estatísticas carecem de uma perspectiva sobre a carga socioeconômica do trabalho doméstico. Some-se a isso o fato de sete em cada dez mulheres trabalharem nos setores de serviços ou comerciais. Dois itens cruzados por informalidade parcial ou total.

Levando isso em conta, em meio à crise social, econômica e política que a região atravessa desde 2017 – para colocar uma estimativa de curto prazo –, as medidas para conter a pandemia do Covid-19 deixam muitas preocupações e questões difíceis de serem resolvidas com a mesma urgência.

Esta semana, foram decretadas quarentenas em quase todos os países da América Latina e Caribe. No entanto, 140 milhões de pessoas na região dependem do setor informal. Considerando os números envolvidos, devemos assumir que a maioria das mulheres é

incapaz de realizar tais medidas. Dado que metade das mulheres em nosso continente depende de economias de subsistência, um dia sem trabalho significa um dia em que suas famílias não podem comer.

UM PANORAMA LATINO-AMERICANO

O Peru é um dos países com maior índice de informalidade, embora este seja ainda maior em países como Guatemala e Honduras, onde chega a quase 80% de acordo com a OIT; ou na Bolívia, onde é de 83%. Martín Vizcarra, presidente do país andino, anunciou nesta segunda-feira uma bonificação de US\$ 108 para que os setores mais desprovidos não tenham que se expor ao vírus em seus empregos precários. No entanto, o valor está muito abaixo do salário mínimo mensal, estimado em US\$263. Segundo o site do *Fórum Econômico Mundial*, a bonificação não teria estimado os gastos com aluguel.

Em artigo intitulado *Las mujeres y la tierra, la propiedad y la vivienda*, a ONU Mulheres pede a implementação de medidas urgentes no setor imobiliário. As mulheres, os idosos e os doentes são os grupos mais afetados pela especulação fundiária e habitacional. Se levarmos em conta que as mulheres possuem menos de 1% da terra e um número ligeiramente maior de residências urbanas, devemos concluir que o gasto com aluguel tem um peso esmagador em suas economias, pois, como mencionado acima, elas trabalham e carregam sobre seus ombros a dependência econômica de idosos, doentes e crianças.

Em resumo, medidas como as adotadas pelo governo peruano (entre outros governos) – como a militarização das ruas para forçar as pessoas a não saírem de suas casas –, não preveem o impacto da imobilidade nas economias familiares, cuja participação majoritária depende da contribuição das mulheres. Para evitar o risco de contágio, as mulheres devem ficar confinadas às suas casas por duas semanas, incapazes de lidar com o trabalho de cuidado, o custo dos imóveis e a recessão trabalhista.

Sobre o impacto do Covid-19 no setor de saúde no Uruguai, a médica e feminista uruguaia Virginia Cardozo explica que as medidas drásticas vão afetar especialmente as mulheres, que já são

a maioria dos profissionais de saúde que enfrentam sofrimento e morte: “Do total de profissionais de saúde no Uruguai, 76% são mulheres e 24% são homens”. Nas modalidades que têm contato mais direto com a população – medicina geral, medicina familiar e comunitária, pediatria e profissões não médicas – o índice de feminização é ainda maior. Em posições de maior responsabilidade hierárquica, naturalmente, a porcentagem de homens aumenta, realizando tarefas que envolvem menos contato direto com os usuários dos serviços de saúde.

De acordo com *La Diaria* – jornal feminista uruguaio – o impacto da infecção pelo Covid-19 tem maior risco de repercussões graves na saúde de idosos e pacientes com patologias múltiplas. Essas pessoas vão precisar de mais cuidados, um elemento a ser levado em conta em um país com uma população envelhecida. Os cuidados nestes casos são encontrados principalmente nas órbitas das famílias, através de cuidadoras informais que realizam tarefas de alimentação, higiene, administração de medicamentos, vestuário ou acompanhamento nos serviços de saúde; 64% das pessoas que se dedicam ao cuidado de idosos são mulheres, e boa parte delas são imigrantes.

No caso da Venezuela, o bloqueio imposto pelos Estados Unidos (e pela corporação farmacêutica Bayer-Monsanto) atingiu duramente a saúde. Nas palavras de Nicolás Maduro, 75% da renda da Nação Bolivariana é destinada ao investimento social em habitação, educação, saúde, cultura e alimentação. A verdade é que a cada dia, por exemplo, muitas gestantes precisam encontrar alternativas em seus partos, e é impossível garantir suprimentos de emergência como a penicilina em casos de cesárea ou outras intervenções. Neste contexto de crise econômica e de saúde, “o FMI dispôs US\$ 1 bilhão para ajudar os países atingidos pela pandemia de Covid-19. A Venezuela foi ao FMI para pedir US\$ 5 bilhões, destinados à importação de insumos para enfrentar a pandemia. O FMI se recusou”, diz o analista internacional Vijay Prashad.

Esta não é a primeira vez que a chamada ajuda internacional mostra intenções meramente utilitárias e irresponsáveis em momentos de crise extrema. Países em processo de ocupação, como o

Haiti, sabem dos efeitos intervencionistas dos países centrais. Escusado será dizer que nos últimos dias o país caribenho sofreu a pior crise sanitária imediatamente após o terremoto, já que em 2010 um destacamento militar da ONU do Nepal espalhou a epidemia de cólera na região de Artibonito, a apenas cem quilômetros da capital Porto Príncipe. O saldo da tragédia foi de 9000 mortes. O silêncio cúmplice dos trabalhadores da ajuda humanitária não fez mais que condenar milhares de seres humanos à morte. Hoje, na Pérola do Caribe, ocorreram duas mortes de um cidadão belga e de um francês, respectivamente. Duas mortes chamam a atenção das autoridades internacionais porque vêm do arco dos países intervencionistas, mas a fragilidade das instituições de saúde produzidas pela intervenção imperial nesta nação irmã não é lida ou assumida. Como em tantos outros países, são as brigadas de saúde de Cuba no Haiti que continuam a enfrentar o infortúnio da morte pela fome semeada sob o jugo neoliberal.

No Chile, até a semana passada a agenda da mídia não havia conseguido instalar o tema do coronavírus. Até mesmo o gabinete do Presidente Piñera foi vaiado por insinuar a proscricção do Plebiscito Constituinte no caso de uma possível expansão do vírus.

Desde 18 de outubro de 2019, a sociedade chilena decidiu pôr um fim ao sonho precipitado dos *Chicago Boys*. Não é raro encontrar pessoas em cadeiras de rodas jogando pedras nas praças, no calor das barricadas, ou mulheres idosas enfurecidas gritando contra a AFP (sistema de previdência privada, promovido pela equipe econômica do governo chileno na época de Pinochet). Ao contrário do que aconteceu na Espanha, onde a demanda pelos 8M foi reduzida devido à possível expansão do vírus, o Chile experimentou a maior concentração de feministas de sua história. Uma ativista da *Coordinación Feminista 8M* disse à Cátedra Feminista Martina Chapanay que “com ou sem corona, pessoas no Chile morrem esperando por um leito hospitalar; ou pior, morrem em débito por causa de uma pneumonia”. Os únicos isentos de morrer na miséria são os *carabineros*¹ (...) Pinochet pediu para eles ficarem de fora da AFP quando o neoliberalismo reestruturou a saúde e as pensões.

1 N. do T.: a polícia ostensiva chilena.

Nas últimas horas, as forças políticas concordaram em uma nova data para antecipar o plebiscito urgente, que ocorreria no dia 25 de outubro. Quase um ano após o início das revoltas no berço do neoliberalismo em *Nuestra América*.

Na Argentina, enquanto o governo nacional procurava coordenar uma estratégia com os governos locais, e insistia para que os trabalhadores ficassem em casa, Beatriz Machado foi atropelada e morta pela polícia da cidade de Buenos Aires, por decisão política do chefe de governo da cidade, Horacio Rodríguez Larreta. O caso de Beatriz é um claro exemplo do avanço punitivista em meio à confusão gerada pelas medidas legislativas de saúde. Enquanto instituições, empresas e estabelecimentos comerciais exigiam a quarentena de seus trabalhadores, Beatriz Machado, uma aposentada de 73 anos, foi forçada a defender seu emprego na Plaza de Once. A mulher que vendia meias foi reprimida ferozmente pela polícia federal. Beatriz resume a dura realidade de uma boa parte das mulheres do nosso continente.

Beatriz é a sétima entre dez mulheres que trabalham em condições marginalizadas; Beatriz é a aposentada que tem que trabalhar na rua, diante da desumana sucata do sistema previdenciário; Beatriz é a avó de alguém que não pode pagar para cuidar dela; Beatriz é a vida da maioria das mulheres que, pandêmicas ou não, têm que sair e defender seu trabalho, com o único objetivo de defender sua vida da morte, mesmo que esta acabe ganhando o jogo.

COMO LUTAR CONTRA O COVID-19 NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

PAULA MORENO E IVÁN H. AYALA

Nas recentes crises de saúde, o papel da mulher não só tem sido ignorado, como menos de 1% dos estudos acadêmicos subsequentes tem se dedicado ao estudo desse impacto.

O impacto econômico do coronavírus ainda não está sendo sentido, mas as medidas que estão sendo propostas dão um vislumbre da magnitude do mesmo. A Alemanha aprovou medidas para fornecer liquidez subsidiada aos setores afetados e apresentou um plano de estímulo fiscal de mais de US\$ 12 bilhões; a Itália mobilizará US\$ 25 bilhões e também está tomando medidas como adiar despejos, assim como a França; o Reino Unido anunciou um pacote de US\$ 34 bilhões e a União Europeia está propondo US\$ 25 bilhões em estímulo. Estas e outras medidas visam mitigar o impacto econômico e, sem investigar sua adequação na forma e quantidade, acreditamos que há um aspecto que está sendo totalmente ignorado, ou pelo menos não nas manchetes ou nas notícias: o impacto de gênero do Covid-19 e as medidas para contê-lo.

Esta semana foi decretado o fechamento de todas as escolas em Madrid, Vitória, Labastida e La Rioja, o cancelamento de atividades extracurriculares e recreativas, e a restrição de visitas às residências e casas supervisionadas. A recomendação de fechamento de escolas foi estendida, em 12 de março, a toda a Espanha. Dizem que o presente pertence às mulheres, e também dizem que “para mais tarde” é um tempo verbal patriarcal porque as urgências de cuidado, de doença ou de atenção, não podem esperar. Um pouco disso é o que

temos sobre a mesa com todas essas medidas para evitar a propagação e o contágio massivo do coronavírus. Mas então, e agora?

Sabemos, ainda, que em processos recentes de emergência sanitária o impacto do gênero tem sido largamente ignorado. A partir de processos anteriores, como no caso do Ebola, o relatório da ONU publicado em 2017 incluiu uma seção específica sobre o impacto de gênero. O documento recomendava a inclusão de uma análise de gênero nas políticas de saúde emergenciais, reconhecendo o papel preponderante das mulheres nelas. Pouco ou nada foi feito para incluir estas considerações, a tirania da urgência, a rapidez de ação e o pouco impacto da abordagem de gênero nas políticas públicas sempre relegam estas considerações para segundo plano. Em um estudo recente, Julia Smith mostra como em recentes crises de saúde não apenas o papel da mulher foi ignorado, mas menos de 1% dos estudos acadêmicos subsequentes foram dedicados ao estudo desse impacto. A aplicação de abordagens de gênero e interseccionalidade às políticas públicas permite a internalização de todos os impactos em todo o espectro social que, de outra forma, permaneceriam invisíveis. Grande parte desse déficit de análises se deve ao fato de que os setores de segurança do mundo estão hiper-masculinizados.

Algumas vias de impacto de gênero nas medidas de contenção do vírus podem surgir. A primeira delas é a distribuição de cuidados. Por exemplo, os dados do INE¹ sobre as horas semanais dedicadas a este tipo de atividade, exceto no cuidado dos netos, são sempre mais elevados para as mulheres do que para os homens.

Em Madri, há um milhão de crianças menores de 14 anos que atualmente não estão na escola, e 250.000 famílias monoparentais, em sua maioria compostas por mulheres e crianças. O risco de pobreza para as famílias monoparentais é superior a 50%, e 52% dessas famílias estão excluídas do mercado de trabalho ou são extremamente precárias. Se a isso somarmos a maior precariedade a que as mulheres estão expostas (menores taxas de atividade, maiores taxas de temporalidade e subemprego, disparidade salarial) não é difícil imaginar o impacto de gênero das medidas de contenção. A

1 N. do T.: *Instituto Nacional de Estatística*, da Espanha.

maioria destas medidas serão adotadas por mulheres que podem ter uma licença de ausência. Parar para cuidar. Com ou sem pagamento. Em 2017, 92% das licenças para cuidado de crianças menores de 12 anos foram solicitadas por mulheres, sabemos também que a segunda razão pela qual as mulheres dizem que trabalham em tempo parcial é para cuidar, a primeira é porque não conseguem encontrar trabalho em tempo integral.

Não podemos esquecer a face da diversidade funcional, ou da deficiência. Na CAM² há cerca de 140.000 pessoas com mais de 65% de incapacidade e que, portanto, precisam de algum tipo de cuidado. Lembremos também que em 2019, na CAM, existiram quase 30.000 pessoas em listas de espera para receber os recursos a que têm direito por causa da deficiência.

Segundo dados do Observatório da Deficiência, embora haja cada vez mais homens cuidadores informais, eles ainda passam menos horas nessas tarefas, e a maioria dos cuidadores ainda são de mulheres em todas as faixas etárias. Além disso, há cada vez mais cuidadoras idosas. O cuidador em situação normal está exposto ao estresse, sobrecarga física e emocional e até mesmo ao isolamento social devido à falta de compreensão e ao estigma da deficiência. Em um momento de emergência estas situações são exacerbadas. Das cinco residências do CAM para pessoas com deficiência, pelo menos uma tem casos de coronavírus, e residentes que têm familiares que podem cuidar delas estão voltando para casa. Que impacto isso terá sobre essas famílias?

A segunda fonte de impacto é o caso das avós cuidadoras. Dados do INE mostram que no “cuidado dos netos” o tempo gasto por homens e mulheres é o mesmo. Isto é uma armadilha. Como podemos ver em todas as outras categorias, o tempo dedicado a qualquer tarefa de cuidado é maior no caso das mulheres, também no caso das avós, que são as que se ocupam principalmente das tarefas domésticas, além de cuidar dos netos. Os avós, por outro lado, cuidam dos netos, mas são dispensados das tarefas domésticas que recaem principalmente sobre as mulheres. Mais uma vez, as tarefas são feitas por elas.

2 N. do T.: *Fundación Caja Mediterráneo - CAM* é uma instituição privada sem fins lucrativos de finalidade social da Espanha.

Em terceiro lugar, as pessoas e criaturas que têm de ser deixadas sozinhas. Quem se importa, numa sociedade cada vez mais atomizada, com pessoas que estão sozinhas e precisam deste tipo de serviço? Tomar sua medicação, alimentar-se, relacionar-se. Em 2017, 83% das licenças concedidas na Espanha para o cuidado de familiares dependentes ou pacientes de longa duração foram concedidas a mulheres. Mas o que acontece quando não há mulher para tirar essa licença e essa situação resulta em solidão indesejada e ainda mais com risco de doença? De acordo com a *Pesquisa Continuada de Domicílios* do INE, em 2019, 4,7 milhões de pessoas vivem sozinhas na Espanha, das quais 43% têm mais de 65 anos de idade e quase 72% são mulheres. Em um sistema onde o gasto social está associado ao mercado de trabalho, uma inserção precária no mercado de trabalho gera benefícios sociais precários. As pensões não-contributivas estão abaixo da linha de pobreza e a maioria (70%) é recebida por mulheres, e a pensão média (de todos os regimes) para as mulheres é de 70% da dos homens. Destes dados resulta claro que os cuidados não podem ser contratados, o que aumentará ainda mais a solidão não desejada no caso das mulheres.

Isto não é um fato circunstancial. Acontece que o Covid-19 testa as costuras do sistema de saúde e assistência, que foi submetido a duros cortes durante a crise: dos quase 40 bilhões de gastos públicos cortados, 5 bilhões foram em proteção social (excluindo pensões e desemprego), quase 10 bilhões em saúde, 8 bilhões em educação, 6 bilhões em cultura e quase 10 bilhões em habitação. Medidas podem ser implementadas para mitigar o impacto de gênero das medidas do vírus, mas, acima de tudo, elas devem ser analisadas a longo prazo e fortalecer os sistemas de bem-estar social. Gálvez mostra que os processos econômicos e políticos gerados pelas crises desencadearam pelo menos três mudanças que criam um agravamento da situação das mulheres em relação à situação pré-crise: intensificação do trabalho – principalmente o não remunerado –, recuperação do emprego masculino antes do feminino – com este último mais precário do que antes da crise – e um desmantelamento das políticas de igualdade. Em tempos de crise econômica, o tamanho da economia informal e doméstica geralmente aumenta em comparação com a economia formal ou de mercado. Se a isso somarmos os dados

acima mencionados sobre a distribuição desigual do trabalho doméstico não remunerado entre homens e mulheres, a diminuição da renda familiar e o desmantelamento dos serviços públicos, podemos entender a necessidade de estabelecer medidas que corrijam o viés de gênero das medidas atuais.

É por isso que detalhamos uma série de medidas que devem ser aplicadas a toda a classe trabalhadora, mas que em qualquer caso devem ser aplicadas às famílias monoparentais, a fim de reduzir o impacto de gênero. As medidas devem ser tanto de curto como de longo prazo, mas uma primeira análise não pode ignorar nenhum dos seguintes aspectos:

1. gerar um observatório que permita acompanhar em tempo real o impacto de gênero das medidas a serem aplicadas em uma análise intersetorial, pelo menos no que se refere às seguintes questões:

- As necessidades de saúde reprodutiva estão sendo atendidas?
- Existem grupos, especialmente minorias vulneráveis, que possam ter um impacto maior devido à desconfiança e/ou marginalidade? Como esses grupos podem ser alcançados?
- Como esse tipo de doença afeta o estigma social? Qual é o impacto sobre as minorias vulneráveis?
- Sabendo que as tarefas de enfermagem são em grande parte ocupadas por mulheres, a doença está tendo um impacto de gênero diferente? Suas opiniões e questões são levadas em conta na tomada de decisões? Na crise da SARS, os enormes custos pessoais e familiares dos enfermeiros em Hong Kong foram documentados.
- As pessoas (principalmente mulheres) que estão prestando cuidados estão sendo adequadamente apoiadas e compensadas?

2. Permitir o teletrabalho sob qualquer circunstância em residências monoparentais em áreas de quarentena. A empresa terá que justificar uma recusa, caso em que será concedida uma licença automática paga a 100% a partir do primeiro dia. Essas medidas são apenas temporárias, pois não é fácil compartilhar o espaço de trabalho produtivo com crianças saudáveis em casa.

3. Criar um fundo financiado pelo setor financeiro para amor-

tecer a inadimplência das hipotecas devido à perda de empregos causada pelo coronavírus;

4. Interromper execuções de hipotecas para famílias monoparentais;

5. Desenvolver mecanismos de cuidado infantil para famílias monoparentais, como creches gratuitas para crianças de 0 a 3 anos. Neste sentido, não entendemos porque a CAM está aproveitando a quarentena para FECHAR (e não abrir) as creches. Nesse sentido, seria possível pensar em alternativas radicais que serviriam para aproveitar esse contexto para uma distribuição de tarefas de cuidado e onde os homens estariam envolvidos no cuidado. Poderíamos então falar sobre reuniões familiares para distribuir os cuidados ao longo desses quinze dias em formatos cooperativos e colaborativos, dependendo do horário disponível. A distribuição dos cuidados é uma tarefa política importante para conter o impacto desta crise de saúde no gênero e, portanto, para conter o impacto econômico e social sobre a população;

6. Aumentar o mínimo vital no imposto de renda pessoal para famílias monoparentais na declaração de 2020;

7. Restituição dos direitos consumidos nas ERTes³ às famílias monoparentais nos setores afetados pelo coronavírus.

8. Incrementar um valor mínimo por dependência.

3 N. do T.: *Expediente de Regulación de Empleo Temporal - ERTE*, uma forma de precarização do trabalho onde empresários podem, sob determinadas circunstâncias, decidir por suspender contratos de trabalho e alterar a carga horária laboral.

O FUTURO PODE SER FEMININO, MAS A PANDEMIA É PATRIARCAL

REBECCA GORDON

Antes de me tornar uma “refugiada em casa”, este artigo abordava as ações das mulheres em todo o mundo por ocasião do Dia Internacional da Mulher, 8 de março. Do Paquistão ao Chile, milhões de mulheres encheram as ruas exigindo poder controlar nossos corpos e nossas vidas. As mulheres saíram no Iraque e Quirguistão, Turquia e Peru, nas Filipinas e Malásia. Em alguns lugares, enfrentaram o risco de serem espancadas por homens mascarados. Em outros, exigiam o fim do feminicídio, a antiga realidade de que as mulheres são mortas diariamente neste mundo simplesmente porque são mulheres.

EM 1975 O FUTURO ERA FEMININO

As comemorações deste ano têm sido particularmente militantes. Passaram-se 45 anos desde que as Nações Unidas declararam 1975 Ano Internacional da Mulher e patrocinaram a sua primeira conferência internacional sobre a mulher na Cidade do México. Conferências semelhantes foram realizadas em intervalos de cinco anos, culminando na Conferência de Pequim de 1995, criando uma plataforma que tem guiado o feminismo internacional de várias maneiras desde então.

A Conferência de Pequim aconteceu há um quarto de século, mas este ano as mulheres em todo o mundo pareciam ter sentido que já era o suficiente. No dia 9 de março, as mulheres mexicanas

organizaram uma greve de 24 horas, um *Día Sin Nosotras*, para mostrar o quanto o mundo do trabalho, remunerado e não remunerado, depende – sim, das mulheres. Aquele *Día Sin Nosotras* foi claramente um sucesso. O *Wall Street Journal* observou, talvez com uma ponta de espanto, que “o México parou”. Centenas de milhares de mulheres paralisaram o México em uma greve nacional sem precedentes para protestar contra a crescente onda de violência contra as mulheres, uma grande vitória para sua causa.

Além de encher as ruas e esvaziar fábricas e escritórios, algumas mulheres também quebraram janelas e brigaram com a polícia. Violência? Das mulheres? O que poderia tê-las levado a este ponto?

Talvez tenha sido o assassinato de Ingrid Escamilla, uma moradora de 25 anos da Cidade do México que, segundo o *New York Times*, “foi esfaqueada, esfolada e estripada” em fevereiro passado. Talvez tenha sido o vídeo da artista e ativista Isabel Cabanillas da Torre em Ciudad Juarez, um lembrete de um mundo altruísta no qual as mulheres vêm desaparecendo há décadas ao longo da fronteira entre os EUA e o México. Ou talvez tenha sido apenas o fato de que os números oficiais de 2019 revelaram mais de 1.000 feminicídios no México, um aumento de 10% em relação ao ano anterior, embora muitos outros assassinatos desse tipo não tenham sido registrados.

A PANDEMIA É PATRIARCAL?

Se não fosse a pandemia, talvez o *Wall Street Journal* tivesse razão. Talvez o *Día Sin Nosotras* fosse apenas a primeira de muitas vitórias importantes. Talvez o hino feminista internacional “*El violador eres tú*” (Você [o patriarca, a polícia, o presidente] é o estuprador), tivesse continuado a inspirar passeios e danças com mulheres cantando por toda parte. Talvez a atenção do mundo não tenha sido tão rapidamente desviada do espetáculo das revoltas das mulheres ao redor do mundo. Agora, porém, nos Estados Unidos e no mundo todo, tudo é uma pandemia, o tempo todo, e com razão. O coronavírus fez o que um *Día Sin Nosotras* não poderia fazer: parou a economia global. Já infectou centenas de milhares de pessoas e matou dezenas de milhares. E continua a se espalhar como um incêndio florestal global.

Como todos os grandes eventos ou instituições, a pandemia afeta mulheres e homens de maneira diferente. Embora homens que adoecem pareçam mais propensos a morrer do que mulheres, em outros aspectos, a pandemia e suas consequências previsíveis serão mais difíceis para as mulheres. Como? A escritora Helen Lewis dá algumas respostas no *The Atlantic*.

Em primeiro lugar, o vírus, combinado com medidas de quarentena massiva, garante que mais pessoas precisarão de cuidados. Isto inclui pessoas mais velhas, que estão especialmente em risco de morrer, e crianças que não estão mais na escola ou creche. Em países desenvolvidos como os Estados Unidos, pessoas que têm a sorte de poder manter seus empregos trabalhando em casa estão descobrindo que a presença de crianças que estão entediadas não facilita as coisas.

Ontem à noite minha pequena família foi convidada para uma apresentação de canto e dança por duas garotas que moram em algumas casas na rua. Seus pais tinham passado o dia ajudando-as a planejar e depois nos convidaram para assistir do nosso quintal. O que eles vão inventar para amanhã, num dia útil, eu não tenho ideia. Uma amiga sem filhos ofereceu-se para dar aulas diárias *online* em sessões de 15 minutos sobre qualquer coisa que ela pudesse pesquisar no *Google* para aliviar suas amigas mães.

Há uma semana, parecia que as escolas fechadas poderiam reabrir antes do final do ano letivo, fazendo com que um comentarista do *New York Times* escrevesse um artigo intitulado “Eu me recuso a manter uma escola doméstica de coronavírus”. Professora associada de liderança educacional, a autora diz que está deixando seus dois filhos assistir televisão e comer biscoitos, sabendo que nenhum estudo rápido fará dela uma professora do ensino fundamental. Aplaudo sua postura, mas também suspeito que os filhos de profissionais provavelmente estarão melhor do que os de trabalhadores com salários baixos para retomar a luta de vida e morte pela sobrevivência na selva competitiva que é a educação neste país, desde o jardim de infância até a 12^a série.

Em lares heterossexuais em isolamento, escreve Helen Lewis, a principal responsabilidade pelo cuidado das crianças recairá so-

bre as mulheres. Ela é exasperada por especialistas que apontam que pessoas como Isaac Newton e Shakespeare fizeram seu melhor trabalho durante uma praga do século 17 na Inglaterra. “Nenhum deles”, diz ela, “tinha responsabilidades de cuidar de crianças”. Escreveram Rei Lear enquanto seus pequenos Cordelias, Reganias e Gonerildas¹ estão agarrando sua camisa e gritando que eles estão ficando entediadíssimos...

Em lugares como o Reino Unido e os Estados Unidos, onde a maioria das mães tem empregos fora de casa, as mulheres sofrerão novas pressões para desistir de seu emprego remunerado. Na maioria dos lares heterossexuais com dois salários e filhos, as desigualdades salariais históricas significam que o trabalho das mulheres é geralmente menos remunerado. Assim, se alguém tem que dedicar o dia ao cuidado de crianças em tempo integral, faz sentido economicamente que ela o faça. Nos Estados Unidos, 11% das mulheres já trabalham involuntariamente apenas meio período, muitas em empregos com horários irregulares. Mesmo as mulheres que optaram por equilibrar seu trabalho doméstico com um trabalho de meio período podem ser pressionadas a desistir desses empregos.

COMO DISSE LEWIS, TUDO ISSO TEM UM “PERFEITO SENTIDO ECONÔMICO”:

“A nível individual, as escolhas de muitos casais nos próximos meses farão todo o sentido econômico. O que os pacientes pandêmicos precisam? O que as pessoas mais velhas que se isolaram precisam? O que as crianças que são deixadas em casa sem escola precisam? Cuidados. Todo esse cuidado, essas tarefas de cuidado não remunerado, recairão mais sobre as mulheres, devido à estrutura de mão-de-obra existente”.

Além disso, como as mulheres que optaram por deixar o trabalho por alguns anos a fim de cuidar de crianças muito pequenas estão bem conscientes, é quase impossível retornar ao trabalho assalariado numa posição de remuneração e status semelhante à que foi deixada para trás. E a aposentadoria forçada não vai facilitar as coisas.

1 N. do T.: Personagens da citada tragédia shakespeariana.

REPRODUÇÃO SOCIAL? O QUE É ISSO? E POR QUE É IMPORTANTE?

Neste semestre estou lecionando no último ano de estudos urbanos na minha universidade, a Universidade de San Francisco. Temos focado nossa atenção em algo que molda toda a nossa vida: o trabalho; o que é, quem o tem e quem não tem, quem é pago e quem não é, e muitas outras perguntas sobre a atividade que ocupa a maior parte do nosso tempo neste planeta. Tomamos emprestado um conceito útil das feministas marxistas: “reprodução social”. Refere-se a todo o trabalho, remunerado e não remunerado, que alguém tem que fazer para que os trabalhadores possam aparecer em seus empregos e realizar as tarefas que lhes rendem um salário e, ao mesmo tempo, dar lucro a seus empregadores.

Chama-se reprodução porque reproduz os trabalhadores, tanto no sentido biológico quanto em termos de esforço diário para que possam se recuperar o suficiente para fazê-lo novamente amanhã. É reprodução social porque ninguém pode fazer isso sozinho e sociedades diferentes encontram maneiras diferentes de fazer isso.

O que está incluído na reprodução social? Há coisas óbvias que qualquer trabalhador precisa: comida, roupas, sono (e um lugar seguro para dormir), sem falar de um certo nível de higiene. Mas há mais. A recreação faz parte disso, porque “recria” uma pessoa capaz de trabalhar efetivamente. Educação, saúde, cuidado infantil, cozinha, limpeza, compra ou confecção de alimentos e roupas – tudo isso é crucial para sustentar os trabalhadores e seu trabalho. Se você quer saber mais sobre isso, a Teoria da Reprodução Social de Tithi Bhattacharya é um bom lugar para começar.

O que tudo isso tem a ver com nosso momento pandêmico? A forma como a reprodução social é organizada nos Estados Unidos deixa algumas pessoas mais vulneráveis do que outras em tempos de crise econômica. Para dar um exemplo, durante muitas décadas os restaurantes assumiram e coletivizaram (para lucro) porções significativas do trabalho de preparação, conservação e limpeza de alimentos, atos que antes eram feitos principalmente em casas individuais. Para as mulheres trabalhadoras, em alguns casos, a disponibilidade de alimentos baratos substituiu a necessidade de planejar,

comprar e preparar refeições sete dias por semana. O serviço de alimentação é um setor estratificado que varia de estabelecimentos de alta qualidade a pontos de fast food, mas inclui muitos trabalhadores com salários baixos que agora perderam o emprego, enquanto aqueles que ainda trabalham em locais de take-away ou self-services estão arriscando sua saúde para que outros possam comer.

Uma forma de um casal de profissionais com renda nos Estados Unidos assumirem as tarefas de reprodução social é terceirizando partes importantes de seu trabalho para as mulheres mais pobres. Lutando para saber quem aspira e lava a roupa em casa? Não espere que as mulheres façam tudo. Contrate outra mulher para fazer isso por você. Você quer ter filhos e desenvolver uma carreira? Contrate uma babá.

É claro que a sua faxineira e babá provavelmente terão que fazer seu próprio trabalho de reprodução social quando chegarem em casa. E agora que seus filhos não estão indo para a escola, de alguma forma eles terão que cuidar deles também. Em muitos casos, no entanto, isso será possível porque seu trabalho não é considerado um “serviço essencial” conforme as ordens de permanência em casa de alguns estados. Portanto, elas perderão sua renda.

Pelo menos aqui na Califórnia, muitas das mulheres que fazem esses trabalhos são imigrantes sem documentos. Quando a administração de Trump e o Congresso finalmente aprovarem um projeto de lei de auxílio, elas, como muitos trabalhadores sem documentos que trabalham em restaurantes, não receberão os recursos que precisam desesperadamente para poder pagar o aluguel ou comprar comida. As organizações de direitos dos imigrantes estão intervindo para tentar suprir parte dessa carência, mas o que finalmente conseguem é uma espécie de raspa do tacho. Felizmente, os trabalhadores imigrantes estão entre as pessoas mais engenhosas deste país ou não teriam chegado tão longe.

Há mais um tipo de trabalho de reprodução social feito principalmente por mulheres que, pela sua natureza, é o oposto do “distanciamento social”: o trabalho sexual. Você pode ter certeza de que nenhum projeto de resgate incluirá algumas das mulheres mais pobres do país, aquelas que trabalham como prostitutas.

MULHERES EM CASA E EM PERIGO

É uma dolorosa coincidência que as mulheres estejam confinadas às suas casas, justamente quando um movimento internacional contra o feminicídio está decolando. Um dos efeitos do *fique em casa* é tornar muito mais difícil para as mulheres encontrarem refúgio contra a violência doméstica. Você está mais segura fora se arriscando com o coronavírus ou dentro com um parceiro entediado e zangado? Escrevo isto sabendo que um setor econômico que não sofreu com a pandemia é o mercado de armas. A *ammo.com*, por exemplo, que vende munições on-line em todos os estados, com exceção de quatro, experimentou um aumento de receita mais do que triplicado no último mês. Talvez todas essas munições estejam sendo compradas para combater zumbis (ou a invasão de imigrantes que o presidente continua a nos lembrar), mas pesquisas mostram que a posse de armas tem muito a ver com a violência doméstica que se transforma em assassinato.

Toda semana, a colunista consultora do *Washington Post*, Carolyn Hax, apresenta um chat que oferece sugestões de ajuda de vários tipos. Durante as últimas duas semanas, seus leitores (inclusive eu) ficaram horrorizados com as mensagens de uma participante presa em quarentena em um pequeno apartamento com um companheiro perigoso que acabou de comprar uma arma. O conselho padrão das mulheres nessa situação não é apenas fugir, mas fazer um plano de fuga, reunir suprimentos e dinheiro que vai precisar e garantir um lugar para ir. Ordens obrigatórias para ficar em casa, embora necessárias para aplanar a curva desta pandemia, podem indiretamente causar um aumento no feminicídio doméstico.

Como se as mulheres ainda não tivessem sido desproporcionalmente afetadas pela epidemia do coronavírus, os republicanos do Senado têm tentado introduzir um pouco mais de misoginia na sua versão de um projeto de lei de auxílio. No mesmo mês em que as mulheres paquistanesas arriscaram suas vidas em manifestações sob o slogan "*Mera jism, meri marzi*" ("Meu corpo, minha escolha"), as republicanas querem usar a pandemia em outra tentativa de fechar as clínicas de *Planned Parenthood*².

2 N. do T.: Planejamento familiar.

Greg Sargent, do *Washington Post*, revelou recentemente que a proposta de US\$ 350 bilhões para apoiar pequenas empresas que não demitem trabalhadores excluirá as organizações sem fins lucrativos que recebem fundos da Medicaid. A *Planned Parenthood*, que proporciona cuidados de saúde a milhões de mulheres sem seguro ou subseguradas, é exatamente esse tipo de organização sem fins lucrativos. Os parlamentares democratas que alertaram a Sargent sobre isto sugerir que a *Planned Parenthood* não seria a única organização afetada. Eles também acreditam que “...esta linguagem excluiria da elegibilidade para esta assistência financeira uma grande variedade de organizações sem fins lucrativos que obtêm fundos da Medicaid, como provedores de assistência a portadores de deficiência em casa e na comunidade; lares de idosos; centros de saúde mental e bem-estar; lares coletivos para incapacitados; e até mesmo centros de apoio comunitário para vítimas de estupro.

Enquanto isso, Mississippi, Ohio e Texas estão tentando usar o coronavírus como desculpa para impedir o acesso das mulheres ao aborto. Com o argumento de que tais procedimentos não são medicamente essenciais, o Procurador Geral do Texas, Ken Paxton, ordenou clínicas que realizam abortos que deixem de cumprir suas funções. Anteriormente, o Procurador Geral de Ohio, Dave Yost, enviou cartas para clínicas naquele Estado proibindo todos os abortos cirúrgicos “não essenciais”.

VOLTA AO NORMAL?

Quando Warren Harding (que liderou uma administração notoriamente corrupta) concorreu à presidência em 1920, seu slogan de campanha foi “um retorno à normalidade”, como as coisas haviam sido antes da Primeira Guerra Mundial. O que ele quis dizer foi um retorno ao dinamismo econômico. Como sabemos, os “loucos anos 20” proporcionaram isso até aquele pequeno acidente conhecido como a Grande Depressão. Hoje, assim como

Harding, outro presidente corrupto promete um retorno antecipado à normalidade. Ele já está muito aborrecido com o período de 15 dias de isolamento social que anunciou em meados de março.

Em sua coletiva de imprensa em 23 de março, deu a entender que os EUA estariam “abertos para negócios” mais cedo e não mais tarde. No dia seguinte, ele sugeriu que o país deveria reabrir para a Páscoa (um “dia muito especial para mim”), dizendo que quer ver “igrejas cheias em todo o nosso país”. Ele não pode esperar até que tudo, inclusive nossos sistemas de saúde e econômicos profundamente desiguais, voltem ao normal como estavam antes da propagação do coronavírus, ou seja, até que estejamos novamente despreparados para a próxima e inevitável crise.

Ao contrário do Presidente, espero que não voltemos ao normal. Espero que o povo de Veneza venha a apreciar os canais cintilantes aos quais seus golfinhos retornam. Espero que o resto de nós se apegue a um ar menos poluído e a menores emissões de carbono. Espero que aprendamos a valorizar a vida das mulheres.

Espero que ao invés de voltarmos ao normal, reconheçamos que nossa sobrevivência como espécie depende de mudarmos quase tudo, inclusive como produzimos o que precisamos e como nos reproduzimos como seres plenamente humanos. Espero que, quando tivermos sobrevivido a esta pandemia, as pessoas do mundo tomem tudo o que aprendemos sobre a ação coletiva global durante esta crise e a apliquem a essa outra crise previsível, aquela que ameaça toda a vida humana em um planeta que está esquentando incontestavelmente.

TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL E PORQUE PRECISAMOS DELA PARA ENTENDER A CRISE DO CORONAVÍRUS

TITHI BHATTACHARYA

Quando eu pensar nesta crise nos próximos anos, duas imagens ficarão comigo. Uma é dos italianos cantando juntos nas varandas em solidariedade com os vizinhos em isolamento e com os profissionais de saúde na linha de frente. A outra é a da polícia indiana que hostiliza os trabalhadores migrantes e seus filhos com produtos químicos contra os que “ousarem” atravessar o país a pé, uma vez que seus locais de trabalho fecharam durante o isolamento e não havia transporte público disponível para que eles voltassem para casa.

As imagens incorporam, respectivamente, a resposta das pessoas comuns à pandemia do coronavírus e a resposta do capitalismo. Uma é a de solidariedade e cuidado para sustentar a vida, a outra, de disciplina carcerária em nome do lucro.

Exemplos de respostas tão diametralmente opostas pontilham a paisagem da crise atual. Os agricultores palestinos estão deixando produtos frescos à beira da estrada para pessoas que não têm condições de comprar alimentos, enquanto Viktor Orban, da Hungria, usou a crise para se impor por decretos. Os trabalhadores da *General Electric* nos EUA estão forçando a empresa a produzir ventiladores, enquanto as empresas de saúde estão tentando manter seus

lucros, cortando salários e benefícios para os funcionários que estão tratando pacientes com coronavírus.

A pandemia expõe tragicamente o fato de que enquanto o necessário é a atenção para salvar e sustentar a vida, o capitalismo se preocupa apenas em salvar a economia, ou os lucros; na medida em que um político texano, representando plenamente sua classe, quer que os americanos sacrifiquem seus avós para salvar a economia.

Essa relação entre lucro e vida sob o capitalismo é o foco da Teoria da Reprodução Social (TRS). Os principais argumentos da TRS são os seguintes:

Enquanto o capitalismo como sistema só se preocupa com o lucro, sendo o lucro o sangue e o motor da vida do capital, o sistema tem uma relação de dependência relutante dos processos e instituições de produção de vida. O sistema depende dos trabalhadores para produzir mercadorias que depois são vendidas para obter lucros. Assim, o sistema só pode sobreviver se a vida dos trabalhadores for reproduzida de forma contínua e confiável, ao mesmo tempo em que é substituída geracionalmente. Alimentos, moradia, transporte público, escolas públicas e hospitais são ingredientes da vida que reproduzem socialmente os trabalhadores e suas famílias. O nível de acesso a eles determina o destino da classe como um todo, e as mulheres ainda realizam globalmente a maior parte do trabalho de produção de vida. Mas o capital reluta em gastar qualquer parcela de seus lucros em processos que sustentam e mantêm a vida. É por isso que todo trabalho de cuidado é desvalorizado ou não remunerado sob o capitalismo, enquanto instituições como escolas e hospitais são constantemente privatizadas ou subfinanciadas.

A pandemia do coronavírus está forçando o capitalismo a priorizar temporariamente a vida. Novos hospitais estão sendo criados para atender os doentes. Normalmente, leis draconianas de imigração estão sendo relaxadas, enquanto hotéis chiques estão sendo transformados em albergues para os desabrigados. Porém, também assistimos a uma escalada simultânea das funções carcerárias dos estados capitalistas. Israel tem usado a crise para reforçar sua vigilância. A Bolívia adiou as eleições enquanto a Índia assiste a um aumento da brutalidade policial.

Enquanto estamos em plena crise, devemos exigir que os trabalhadores que estão realizando serviços essenciais, em sua grande maioria mulheres – nossas enfermeiras, cozinheiras, médicas, faxineiras, catadoras de lixo – recebam a dignidade e o salário que merecem. Os corretores ou banqueiros não fizeram nenhuma lista de “serviços essenciais” do governo. Como feministas, devemos exigir que agora e sempre a renda da elite reflita sua utilidade.

Mas uma vez passada a crise pandêmica, não podemos voltar ao “normal”. Devemos exigir que, em vez do capitalismo colocar nossas vidas em crise, coloquemos em crise a sua dinâmica de lucro sobre a vida, transformando a vida em crise.

Que a vida e a produção da vida se tornem a base da organização social, para a prosperidade de muitos e não para a riqueza de poucos.

SOBRE AS AUTORAS

MARTA ROQUETA é uma jornalista catalã e especialista em perspectiva de gênero. Estudou Jornalismo na Universitat Autònoma de Barcelona e mestrado em Jornalismo Avançado e Reportagem na Universitat Ramon Llull. É também mestre em estudos de gênero pela School of Oriental and African Studies, em Londres.

PAOLA RUIZ-HUERTA é Psicóloga, sexóloga, especialista em gênero e ativista feminista. Ela trabalha há 10 anos como psicóloga acompanhando mulheres em seus processos de crescimento pessoal, assim como mulheres sobreviventes da violência masculina, ajudando-as a deixar seus relacionamentos e curar suas feridas.

DIANA CAROLINA ALFONSO é uma historiadora colombiana da Universidade Nacional de La Plata. Analista em feminismo e processos de descolonização na Cátedra Martina Chapanay de Feminismos Populares e Latino-Americanos.

PAULA MORENO é Economista Política pela Universidad de Salamanca, técnica especialista de Avaliação de Políticas Públicas, Ciências Sociais e Governo pela Universidad de Sevilla, mestre em Gênero e Desenvolvimento pela Universidad Complutense de Madrid e em Gênero e Políticas de Igualdade entre Mulheres e Homens pela Universidad Rey Juan Carlos.

IVÁN H. AYALA é doutor em economia pela Universidad Complutense de Madrid e professor de Economia Aplicada na Universidad Rey Juan Carlos.

REBECCA GORDON é doutora pela União Teológica de Pós-Graduação e professora adjunta da University of San Francisco. Escreveu o livro *American Nuremberg: The U.S. Officials Who Should Stand Trial for Post-9/11 War Crimes*. Publica regularmente no *Tomdispatch.com*, um projeto do *The Nation Institute*.

TITHI BHATTACHARYA é teórica feminista indiana, professora de História e Diretora de Estudos Globais pela Purdue University. É especialista em História Moderna do Sul da Ásia.